

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

LETICIA AFONSO DE ALBUQUERQUE

**EXPERIMENTAR E NARRATIVAR:**  
**Mesmo quando a pergunta/resposta for onírica**

Produto Jornalístico

Mariana

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

LETICIA AFONSO DE ALBUQUERQUE

**EXPERIMENTAR E NARRATIVAR:**  
**Mesmo quando a pergunta/resposta for onírica**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Coração

Mariana

2017

A345e Albuquerque, Letícia Afonso de  
Experimental e narrativar [recurso eletrônico] : mesmo  
quando a pergunta/resposta for onírica / Letícia Afonso  
de Albuquerque.-Mariana, MG, 2017.

1 DVD-ROM; 4 3/4 pol.

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal  
de Ouro Preto, Mariana, 2017

1. Comunicação - Teses. 2. MEM. 3. Experiência de  
vida - Teses. 4. Monografia. 5. Subjetividade - Teses.  
6. Narrativas pessoais - Teses. I.Coração, Cláudio  
Rodrigues. II.Universidade Federal de Ouro Preto -  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento  
de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.  
III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 316.77  
: 15  
: 1419247

Letícia Afonso de Albuquerque

Curso de Jornalismo – UFOP

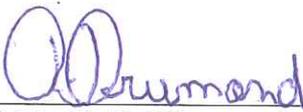
EXPERIMENTAR E NARRATIVAR:  
MESMO QUANDO A PERGUNTA/RESPOSTA FOR ONÍRICA

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração.

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Hila Rodrigues

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Rafael Drumond

Mariana, 05 de abril de 2017.

## AGRADECIMENTOS

O que eu gostaria mesmo era poder dedicar cartas e cartas em agradecimentos, já que este é um processo importante para mim. Mas estas, que aqui não cabem, estão inscritas em meu coração grato por ter cruzado com todas as vidas, ideias e objetos desta agradável existência. Sou grata à vida que possuo e às pessoas que nela me acompanham. Minha mãe Gilza, alicerce de meu coração, força motor que desde sempre me incentivou com seu carinhoso ímpeto sensitivo; Meu pai Josué por sua dedicada, aventureira e honesta dedicação por aquilo que ama. e por ter me mostrado o sustento imaterial do amor pelas plantas; Meu irmão Vinícius por seu amor generoso, criativo e incondicional; Minha irmã Maria, pela força renovadora e carinhosa de sua forte correnteza; Lara, minha sobrinha filha de Vinícius, que com sua inocência, me mostrou simples alegrias e recuperou em mim o valor do verdadeiro amor.

Agradeço também minha amiga Inaê por me acompanhar, dedicando tempos de amizade produtiva e agradável em tempos de caos interior e exterior. E a meu orientador Cláudio Coração, por compreender meu tempo e necessidades individuais com apoio moral e teórico. Sem esquecer Alphonsus de Guimaraens por ter vagado loucamente na dúvida entre estar juiz e querer demonstrar amor em poemas.

Tem uma sensação que não sei formular à qual eu gostaria de agradecer também, nesta sensação habita a cidade de Mariana - MG. Um afeto empático por seu percurso histórico, ao qual nem conheço todo. Empatia que surge quando penso nos afetos que me compõe uma mulher latino americana, de maneira que sou uma partícula deste processo, agradeço por tudo isto.

## RESUMO

### *Nar(r)ativar*

*Perdi-me tentando saber se...  
a experiência que faz o texto  
ou se as palavras é que foram responsáveis  
Neste teatro quem atua?  
Porque fui eu e não fui eu  
quem inventei essas sequências  
O dizer aqui é feito feto de minhas mãos treinadas,  
Mas pela minha sensação  
Esse conhecimento é sentimento anterior  
So'l sigo o significado compartilhado  
Comunico aqui esse signo fincado*

O trabalho que apresento tem por objetivo discorrer sobre o uso consciente da experiência individual e da subjetividade na construção de discursos e narrativas como uma forma possível de se expressar jornalisticamente. Para isto, descrevo meu processo de composição de dois produtos comunicacionais banhados em ludicidade metafórica, idealizados durante a graduação em Jornalismo. O primeiro é um website nomeado de ‘Sincronia de ficções’. O segundo é uma narrativa que estará abrigada lá: uma ficcionalização sobre o poema “Ismália”, de Alphonsus de Guimaraens, poeta e Juiz Marianense em 1914.

**Palavras chave:** Experiência; Subjetividade; comunicação; narrativa; empatia; afetos; Ismália.

## **ABSTRACT**

The work I present aims to talk about the conscious usage of individual experience and subjectivity in the construction of speeches and narratives as a possible form of expressing journalistically. For this I describe my composition process of two communicating products surrounded by metaphor ludicity, idealized during the journalism graduation. The first one is a website named " Sincronia de ficções". The second is a narrative that supports: the fictionalization about the poem " Ismália", from Alphonsus de Guimarães, poet and Judge from Mariana-MG.

**key-words:** Experience; Subjectivity; Communication; Narrative; Empathy; Affects; Ismália.

## **SUMÁRIO**

### **1 SINCRONIAS E SINFONIAS DE ABERTURA**

**1.1** Proposta e origem do movimento neste papel

**1.2** Produto interno e bruto...

**1.3** Entre-linhas culturais

**1.4** Subjetivação da prática jornalística

### **2 NARRATIVA E EXPERIMENTAÇÃO**

**2.1** Sincronia de ficções: descrição do projeto e política editorial

**2.2** Projeto gráfico editorial

### **3 EXPERIMENTAÇÃO E NARRATIVA**

**3.1** Quando enlouqueci, encontrei Ismália na torre

### **4 CONSIDERAÇÕES SEM FINAIS**

### **5 INSPIRAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS**

## 1 - SINCRONIAS E SINFONIAS DE ABERTURA

### *Prelúdio não sonoro*

*Não dá pra saber quando eles chegam, se já chegaram todos...  
nem sempre é o ouvido quem primeiro experimenta o que ouve*

*Sinto! O tremor se inicia no coração.  
E repletos de sementes ficam os sentidos  
Pelos olhos, haverá toque na terra  
Na pele ele reverbera como a chegada de um ser amado  
Vibram, então, vozes plantadas no intestino em pânico  
Elas, quando germinam da garganta são gemidos incompreensíveis  
significados indecifráveis até que se transmutam pra atingir outros corpos  
Som de vida sendo revivida em sentimentos reclassificados pela eternidade*

*Toda teoria; toque; tentativa é um outro ato preliminar;  
inserção em um algo que virá - aos poucos preencher os corpos.*

Trago neste descritor de memórias - ou memorial - a motivação e a justificativa de narrativas que fazem o uso da subjetividade em sua tessitura e que também foram compostas empregando conscientemente a experiência individual de quem narra. Para isso, reflito acerca das influências que a vivência individual tem na composição e/ou na assimilação de um relato; dado que a repórter faz uso de um “acervo de experiências prévias que funcionam como um esquema de referências, a partir de uma espécie de conhecimento à mão” (ANETUNES, 2019 , p. 86). Assim sendo, as ocorrências da própria vida podem ser encaradas como um dos principais filtros ante à percepção de tempo e espaço tanto de quem descreve, quanto das pessoas que percebem uma descrição.

No jornalismo, esta prática é empregada com maior frequência em informações que amiúde não são o foco informacional do cotidiano. Nada obstante, mesmo as notícias do dia a dia não estão isentas da percepção individual da repórter e nem da linha editorial do veículo em questão. Ocorrência que não influi somente na construção dos significados posteriores à assimilação do relato, tendo em vista que “a quantidade da informação que perpassa, por exemplo, um jornal diário, agrupada sob as mais diversas formas de tipos e gêneros textuais,”

(MARI, 2010 , p. 133) deriva de uma diversidade de ocorrências geradoras de temáticas que podem ser abordadas de muitas formas. Assim, reportar ocorrências pode ser um ato realizado à maneira como se acessa um “cardápio para seleção daquilo que elegemos como estético, mas nem tudo que aparece ali registrado recebe prontamente, de nossa parte, esta qualificação.” (IDEM)

Em contraponto à forma de perceber e compor informações jornalísticas de maneira mais subjetiva, há o entendimento do relato jornalístico - produzido de maneira mais modelizada e objetiva - como sendo o portador de uma ‘verdade’ completa. Pensamento que diverge da realidade encarada de acordo com múltiplas percepções e interpretações, proporcionando assim verdades parciais acerca de um dado fato. Ademais, os relatos jornalísticos que se propõe compor rapidamente suas narrativas do cotidiano globalizado possui limitações. Como, por exemplo, a impossibilidade de assimilação das minúcias do dia a dia, aquelas que não cabem e nem couberam em relatos produzidos rapidamente, por várias razões. Dentre elas, o tempo que se havia para ouvir os pontos de vista é muito limitado, e também não há espaço nas páginas dos jornais e nem segundos a mais nas narrativas sonoras e audiovisuais.

Partindo destas e de outras necessidades do pensamento, deu-se a tentativa de colonizar um espaço virtual no qual eu pudesse brincar abertamente de recolonizar minha percepção. Partindo da possibilidade de continuar a apreender eternamente o fazer jornalístico. Desenvolvi o *Sincronia de Ficções*, uma iniciativa comunicacional que abriga vários tipos de narrativas, dando espaço tanto a um tipo de jornalismo mais objetivo, mas principalmente às maneiras subjetivas de se expressar, aquelas que podem ainda estar em um não lugar (*em estado de coisa*), de acordo com as classificações que já foram edificadas para os novos jeitos de lidar com os fenômenos. Esta necessidade re/descolonizadora não é exclusividade minha, há pessoas - a quem espero ir aos poucos conhecendo e formando parcerias - que trabalham na perspectiva do uso mais consciente da subjetividade na construção de narrativas informacionais.

Os acontecimentos do presente solicitam descrições na permissividade de quem dança, lembrando-se que o corpo é morada das necessidades da lembrança, tal como a descrição de seus afetos pode ser manifesta de incontáveis formas. Porquanto que os produtos, inclusive o memorial, possuem uma forma estrutural e cronológica um tanto mais pessoal de expor o discurso e o ponto de vista sobre o que se propõe a narrar.

Maneira de trabalhar que é banhada em ludicidade metafórica, e que tem nas suas considerações algumas temáticas baseadas em situações verídicas. A primeira postagem do

site trabalha a perspectiva de narrações propositalmente mais subjetivas. Ela é intitulada *Mesmo se a resposta-pergunta for onírica*, e é construída em diversas linguagens: textos, sons, vídeos etc. Uso dizer que ela estará em contínua reconstrução, neste sentido, não pensei em um desfecho no qual eu despeça minha imaginação dessa personagem. Mas os enredos individuais em diversas linguagens, pensados como capítulos, serão interdependentes, mas ainda assim independentes um do outro, e podem ser acessados à ordem que se optar. Ele é inspirado no poema 'Ismália', de Alphonsus de Guimarães, e traz questões sobre episódios ocorridos na cidade de Mariana - MG, que problematizam a esfera do convívio das pessoas no local, a partir de um ponto de vista e moral subjetivos e que perpassam uma reflexão acerca das experiências que tenho vivido na cidade há quase 5 anos. "Já tenho esse peso que me fere as costas...bendito fruto do povo será" (BELCHIOR, 1976). Por ignorância e para curar meu peito do engarrafamento nos trânsitos, suscito minha loucura como possibilidade narrativa.

### **1.1 - Proposta e origem do movimento neste papel**

#### ***Criar é ato de convívio: princípios de Conversação da Energia***

*vontades são potencial por verdades menos mecânicas*  
*Eu te influencio e você me inspira outros caminhos*  
*Elas, eles e elxs nos instruem como trans/estar, dirigir, digerir, pilotar...*  
*Trabalho de um corpo transferido entre corpos*  
*nas rodovias; aerovias; ferrovias aprendendo a estradar*  
*Nas vias cíclicas ir-se sonhando por mais ciclovias*  
*Por potente necessidade tudo transita em estado de transa cinética*  
*De/vagar para percorrer com paciência as rodovias reais*  
*Por realidade sem realza: resignificar as estações do ano e as de ferro*

Proponho que, junto às paisagens, é impossível viver sem expressar o que afeta, e afirmo que tudo faz parte do horizonte diante dos sentidos. Bem como, de acordo com a "natureza da experiência promovida pelos objetos de comunicação no cotidiano das pessoas" (VAZ, 2010, p. 189), comunicar-se pode ser pensado como algo natural em todo ser que goza de vida - e cada qual faz isso dum jeito único e anterior a si. Nem um pouco obstante, fazer-se entender é um desafio comunicacional em todas as áreas do conhecimento, inclusive, ou principalmente, para aquelas que tem na comunicação das pessoas seu principal fundamento,

como o jornalismo.

Portar uma mensagem de maneira eficiente, é, desde tempos imemoriais, uma eternidade desafiadora, posto que tecer significados acerca da interação comunicacional entre sujeitos é uma antiga prática cheia de consequências. E, em geral, há a tentativa de promover um ato comunicativo no qual a mensagem será decifrada de forma previsível pelo público ou pessoa a que se destina, ato que requer uma técnica advinda com a prática em promover narrativas. Por esta razão, são criados modelos para se comunicar um dado percebido sobre o mundo experienciado. E partindo da percepção de que estas fórmulas e modelos interacionais são concebidos tanto para proporcionar sua própria reformulação quanto para compartilhar significados por meio de símbolos e ordenações simbólicas previsíveis, trans-portar informações requer tanto uma atenção objetiva em relação ao que se está dizendo, quanto certa ginga quando é inevitável o uso da subjetividade para captar o movimento imaterial - subjetivo e objetivo - das ideias, e assim apreender alguns dos múltiplos afetos que compõem um fenômeno.

Várias áreas de produção de conhecimento estão atentas à observação do comportamento humano quando este é afetado por um fenômeno que lhe instigue fortemente os sentidos - as experiências adquiridas perante a interação com outros indivíduos. Estas vivências ordenadas pelos sentidos do corpo são inevitavelmente afetos de um cotidiano permeado de objetos e ideias localizados em contextos temporais e espaciais, consequentemente promotores de distintas vivências culturais, que proporcionam experiências estéticas, perante empreendimentos que transitaram de maneira cíclica da obra arte para o uso cotidiano e para o desuso. Como, por exemplo, ocorre com obras arquitetônicas, que foram idealizadas com sensibilidade da criação de uma obra de arte, mas foram sempre abrigo humano e de seus utensílios.

Acordado com este ponto de vista acerca da necessidade criativa em qualquer área do conhecimento, é possível afirmar que “a experiência estética não se circunscreve exclusivamente à fruição dos objetos artísticos; ela é inseparável de outros domínios da experiência no cotidiano” (VAZ, 2010, p. 189). Deste modo, mesmo o jornalismo pode ser entendido como “modelo de compreensão da experiência estética”(ANTUNES, 2010, p. 146), assim é possível e necessário “indagar acerca da ideia de experiência que aparece modelizada em uma forma muito específica de texto: o texto jornalístico”(IDEM)

Não é dessas orações que provém a origem do movimento neste bloco de folhas, mas esta é uma das conclusões - confusões - em que tal oratória me fez chegar. É que “o universal cabe dentro do particular”(JOÃO ANTÔNIO, 1975, p. 2), e aqui, de alguma maneira, “se

procura descobrir, surpreender, flagrar, compreender nossa vida”(IDEM). Para isto há tanto o que se pensar antes de concluir aquilo ao que dedicaremos nosso trabalho e tempo, ele vale o quanto pesa pra quem presa (GILBERTO GIL , 1981). Avaliar o peso que cada questão tem é complexo, e a balança constantemente se pensa incapaz de conter mais do que for depositado. Descrever o peso e descobrir sua origem é, para mim, ainda mais difícil. Ou não queria imprimir neste papel - enquanto atuo na vida - aquilo que não garanta o voar do fluxo de minha interpretação.

Gostaria de perceber melhor quando estou me incapacitando de “decifrar conceitos nos signos de um texto, não obstante a capacidade de lê-los” (FLUSSER, 1985 , p. 6). Uma narradora astuta tenta trazer à consciência algumas das múltiplas interpretações, inclusive seus desconhecimentos das vivências alheias, que estão envolvidas no desenrolar de qualquer narrativa. Em vista disto, ela pode concluir que, igualmente a outros interpretantes, possui uma maneira individual de perceber que vem de sua experiência vivida e que influi em sua percepção anterior à composição do relato, isto é, o conjunto de experiências que compõe sua identidade única e intransferível. Mas sabe também que tais experiências são possibilitadas por fenômenos que nem sempre afetam apenas a si, e diante de tal perspectiva nunca lhe vai ser dado compreender.

Ainda assim, e até porque nos movimentamos, necessitamos entender e reentender constantemente as ocorrências para mantermos nossa existência ascendente na escala evolutiva. Não necessariamente por curiosidade, mas esta que surge como consequência ao ato de estar e ter possibilidade de abrir uma caixa material, ou imaterial, que contém um objeto ou alguma ideia. E desta vez por curiosidade pode ser que um dia eu encontre e abra algumas das caixas que possibilitaram a mim, a meus pré-conceitos e ao coletivo que me compõe. Fui tentando abrir as caixas, mas há uma dentro da outra até a menorzinha caber na palma do meu pensamento. Ainda assim, todas completamente cheias e não havia espaço preenchível ante a meus sentidos pouco treinados para perceber as passagens, sem malícia tratando-se com entrelinhas de histórias e pontos de vista que não estavam escritos, ou que eu ainda não tinha podido ou conseguido ler ou perceber. Pra mim, ainda é tudo meio coisa e, segundo meu orientador, coisa pode ser de qualquer natureza e estar em qualquer estado. De modo que, já que vai chover aqui e nevar lá, tudo fica confundido e pede uma tentativa de descrição que lhe distinga.

Na atualidade, a quantidade de coisas que foi condicionada a uma necessidade descritivista é vasta. A cada segundo, muitos seres humanos dão novos nomes para o que já havia sido nomeado: sensações, comportamentos, objetos... Nomear é algo inato no ser social,

em parte o fazemos para entender nossa própria experiência e agir diante do que afeta. A capacidade de sentir classificar os afetos nutre muitos sentimentos no ser social e na atualidade, passamos a agir diante também da insuficiência de tempo de e espaços que suscitem reflexões acerca da própria construção identitária, dentre outros desdobramentos negativos ocasionados pelo domínio colonizador e predatório. A vontade de ultrapassar limites estimula a nós e nossa revolução tecnológica. O humano domina mais seu tempo e amplias os espaços em que pode existir, mas não estão todas as pessoas que participam do processo em situação de conforto. Não é tão simples assim agir diante da expansão, podemos também estar nos aproximando de extinções auto estimulada. Vivemos momentos de globalização, sendo este um fenômeno que teoricamente nos aproxima e, simultaneamente, afasta daquilo que sabemos acerca de nós mesmas. Alterou o que muitos de nós percebíamos como verdade sobre o conjunto de experiências geradores de um fato, pois, com os meios de comunicação modernos, as realidades que as constroem se multiplicam.

Acordado com a libertação de pensamento descrita na liquefação moderna...Se expandíssemos os limites de maneira mais reflexiva e mais atenta ao ímpeto destrutivo que a vontade pode carregar, não nos tornaríamos vítimas das consequências de nossa constante luta para ampliação da própria liberdade, em detrimento do limite imposto à possibilidade de manifestação das necessidades alheias. É que liberdade pode ser “uma maldição disfarçada de bênção” (BAUMAN, 2001, p. 26) e vice versa. Ela funciona como qualquer palavra, necessita de um contexto ao qual se aplique, para assim pertencer a uma possível realidade verdadeira. Verdade, uma outra palavra que varia de acordo com o ponto de vista relatado, pois mesmo estando “em conformidade com os fatos e/ou com a realidade” (cf. dicio.com.br.), não deixa de ser múltipla (sortida). E mesmo que estes sejam conceitos tão intrincados e líquidos, os alio para apropriar-me do que Bauman se apropriou e dizer que “A verdade que torna os homens livres é, na maioria dos casos, a verdade que os homens preferem não ouvir” (BAUMAN, 2001, p. 26). Seguindo pela linha da libertação a qualquer custo, edificamos uma realidade que nos estimula - obriga - a leiloarmos constantemente a capacidade de nos satisfazermos a partir do que já foi obtido com nossos trabalhos. Nos aprisionamos em produzir momentos de satisfação que não fazem os sentidos serem suficientemente satisfeitos, corpo e mente serão satisfeitos de vez em quando e por pouco tempo. O prazer do trabalho - ofício ao qual dedicamos a maior parte de nossas vidas - é deveras efêmero, contrastando com a agonia que a sujeição aos modos de produção da contemporaneidade podem provocar nos sentidos dos indivíduos.

Ainda no intuito de descobrir o que estava dentro das caixas, meus globos oculares

buscaram novamente olhar para um refúgio fora dos muros da universidade. Precisei, de ré, perceber que a interpretação de qualquer coisa parte da experiência pessoal. É um alívio necessário ter acesso a este conhecimento classificado e em classificação aqui dentro, mas de uma natureza que não me soa popular, bem científico e um pouco distanciado de minhas sensações e percepções fora dos muros que cercam a formação do ensino ‘superior’. Mas sei que não vivi o suficiente para falar nisso de forma a ausentar meus preconceitos desses conhecimentos que são negados a grande parte da população mundial. Negação que retroalimenta o processo de distanciamento entre popular e o científico, e aqui na universidade há bastante pessoas bem atentas à natureza popular das análises científicas. Para exemplificar razões do tal distanciamento, os índices de Analfabetismo Funcional no Brasil de acordo com o Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF), são altos. O órgão subdivide em categorias as classificações quanto ao nível de analfabetismo, há cinco níveis de alfabetismo funcional, segundo o relatório: Alfabetismo e o Mundo do Trabalho": analfabeto (4%), rudimentar (23%), elementar (42%), intermediário (23%) e proficiente (8%). O grupo de analfabeto mais o de rudimentar são considerados analfabetos funcionais.

Depois de abrir outras caixas e um pouco mais os sentidos, percebi que: mesmo recebendo auxílio, precisava de auto ajuda poética/profética - fui escrever poesia e rezar pelo sincretismo - para me sentir ao menos um pouco mais ‘livre’ das justificativas colonizadoras às quais estamos expostas nos meios de comunicação e na universidade. Mas eu bem que quis cursar meu próprio caminho sem o esforço de descobrir que rota compensaria e alegraria mais plenamente meus esforços. Contudo, essa frequente sensação de alienação ante aos meus próprios instrumentos não vem de hoje, é que os seres humanos se esquecem “do motivo pelo qual imagens são produzidas: servirem de instrumentos para orientá-lo no mundo. *Imaginação* torna-se alucinação e o homem passa a ser incapaz de decifrar imagens de reconstituir as dimensões abstraídas.” (FLUSSER, 1985 , p. 8). As pessoas, a quem a colônia beneficia, parecem não ter em mente, ou não se importam, com as consequências sociais que surgem na imperceptível imposição das próprias práticas culturais, em detrimento da consciência histórica e da realidade social de outras nações. A América Latina exportou grande parte da matéria prima que ocasionou as revoluções industriais, a extração desse material ocorreu de maneira a proporcionar uma exploração cruel das pessoas pobres que participaram desse processo. E considerando que, além dessa colonização desigual e extrativista das terras, há a imposição de valores culturais de maneira violenta, tanto simbólica quanto fisicamente às pessoas colonizadas.

Acolhemos informações modelizadas, nas quais, por vezes, nossa identidade ancestral

é desconstruída e até destruída - a experiência que nos trouxe onde estamos valerá pouco se permanecermos dentre a comparação do que somos em embate ao que poderíamos ser, se não fôssemos daqui nem de agora. Por vezes vale mais querer ser como inalcançáveis modelos fotográficos e fotógrafos que assombram os meios de comunicação de massa. “Nossa severa obediência às modas e aos “ismos”, a gula pelo texto brilhoso, pelos efeitos de estilo, pelo salamaleque e flosô espiritual, ainda vai muito acesa” (JOÃO ANTÔNIO, 1975, p. 1). Mas cada qual sabe o que entra no próprio buraco em que se enterra, e também o que penetra os orifícios do corpo físico. Até porque, os flosôs espirituais por vezes me ajudam quando canso, mas não consigo deixar de querer me tornar o que não satisfaz minha necessidade de expressão ante os afetos que vivencio no cotidiano. Flosofias tiram de meu pescoço a linha da depressão coletiva imposta pela hierarquia das heranças. Zodíacos, Orixás, sabedorias das lendas, as marés da vida nos ciclos da lua, dentre outros, são conhecimentos milenares mais que pop e populares. “As experiências, as vivências coletivas, as crenças, os mitos, os fatos comuns e os particulares estão entrelaçados na cultura e, por conseguinte nos textos” (MENDONÇA, 2010, p. 183). Acho necessário e por consequência bonito tentar aliar-se ao inexplicável e à intuição para perceber os acasos anteriores e contemporâneos a nós. Reviver as experiências, sincronizando involuntariamente tantas ficções, lembrando que somos para nós as primeiras pessoas, e em quem devemos colocar, primeiro, as máscaras de oxigênio em caso de despressurização.

Sincronizar ficções é o que ocorre na interpretação de um jogo de tarot, que era ocasionalmente acessado por Alphonsus de Guimaraens, poeta e juiz sem alento que vagava solitário nas ruas das noites de Mariana-MG. Que escreveu a loucura de Ismália, moça spectral que transita neste texto nos momentos que sonho ou subo em torres. Aliás, é exatamente para justificar minha *Sincronia de Ficções* e a vida da Ismália que existe em minha necessidade de expressão - explosão - que transbordei até alcançar a tessitura deste descritor de memórias.

### ***Rascunho 1***

“Se essa rua fosse minha, a cada dia cresceria numa direção diferente, como o que sou quando a ser - Era a moça que gritava todos os dias pra sua rua, a única criação humana com a qual ela conseguia comunicar sua completa existência imaterial..

- Ismália!.. Ismália! - Ao redor dela está Santana. Na frente, atrás, aos lados, abaixo de seus pés segue a rua que grita por ela.

- Ismália! – grito alheio vindo duma multidão invisível
- Alphonsus? – Seus pés dançam na rua
- Não. Sou eu, Santana. É difícil morrer pulando dessa altura, Ismália - Santana vê-se sem pés e mãos, sendo apenas a rua morada do corpo.
- Cresce rapidamente a torre abaixo de meus pés...”

*(A menina das terras de Mina: A voz encantadora da rua)*

Ela enlouqueceu e subiu numa torre, coisa que em metáfora - sendo a moça uma poesia - pode acontecer com qualquer pessoa, já que diariamente vivem-se pequenas mortes e renascimentos de sensações sobre os fenômenos que nos acometem os sentidos. O espaço preenchível está nas brechas destas peculiaridades, entrelinhas preenchidas nos momentos em que escolher atirar-se, ou for jogado do alto de uma altura em que se havia colocado.

Entretudo e tanto nem toda torre é uma construção individual. As de concreto são idealizadas por e para instituições de saber e poder, estabelecidas na sociedade e atuam desde muito no fluxo de passagem de tempo para organizar e manter o espaço coletivo. Já as torres impressas no estereótipo comparativo das cartas é uma alta construção a desmoronar, e um significado a ela atribuído é a sôfrega necessidade de saltar para mudança, vendo ruir uma de suas edificações anteriores, mas que pode ser matéria e construto para novas alturas. E conhecedores do tarot sabem que toda carta - inclusive a temida torre - é inevitável dentro da existência da probabilidade. Voltando ao concreto fotografável, mesmo que tais edificações sirvam para a manutenção do coletivo, abrigam também uma individualização que pode ser nociva à coletividade. “A sociedade moderna existe em sua atividade incessante de 'individualização' assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias das redes de entrelaçamentos chamada sociedade.”(BAUMAN, 2001 , p. 39)

## 1.2 - Produto interno e bruto... mais origens na zona primária do meu sub-envolvimento

<i>Sumo é ideia ou coisa? quando vem eu consumo</i>	<i>Pois bem</i>
<i>Sumo é ideia ou coisa? vem de onde venho?</i>	<i>Pois, bem sinto</i>
<i>Sumo é ideia ou coisa? E do que vem?</i>	<i>Pois bem, sinto que</i>
<i>Sumo é ideia ou coisa?E por quem?</i>	<i>Pois bem, sinto que como</i>
<i>Sumo é ideia ou coisa? por que?</i>	<i>Pois bem, sinto que como a Latino-América</i>
<i>Sumo é ideia e coisa?</i>	<i>Pois bem, sinto que como a Latino-América Estou</i>
<i>Sumo é como?</i>	<i>Pois bem, sinto que como a Latino-América Estou vendida</i>

e parecemos não ter escolha, senão tentar vender os peixes que, por uma razão ou outra, nem comeremos. Afetos efemerizados que desembocam “numa produção para a indiferença e o escárnio dos leitores” (JOÃO ANTÔNIO, 1975, p. 3), em carnavais dentre “contradições e sofrimentos, imprevisões e improvisações”. Só que quando a tristeza grita mais alto/auto, percebemo-nos como nação “lusu-afro-tupiniquim e deslumbrada, paupérrima e metida a sofisticada” (IDEM). Expressar-se, inclusive, é hábito terceirizado, falamos muito sobre ‘eles’, aqueles outros nós que sofrem as perdas. Isso pra mim já constitui pré-texto para um projeto existir, mas nada vive bem só de justificativa.

E vendida, porque afinal, das formas que escolhemos para entender o tempo e dominar o espaço do conjunto, algumas me assustam, umas porque eu não soube e nem sei lidar, entender ou respeitar, muitas outras porque não sabem lidar comigo, não respeitam, ou interferem no modo com o qual eu gostaria de levar a vida. E na maioria das vezes sinto que não precisaríamos ocupar os espaços desta maneira tão predatória, gastando mais do que consumimos, consumindo mais do que assimilamos, assimilando menos do que necessitamos. “Finalmente, um comportamento predatório em todos os sentidos.” (JOÃO ANTÔNIO, 1975, p. 1)

Dentre outros objetivos iniciais além deste meu âmagu meio vendido, há ótimos projetos oriundos da tristeza ocasionada em perceber o comércio forçado de bens alheios. Reportagens de grande fôlego e responsabilidade, ensaios tão bem executados que conseguem lidar em sublime improvisação se sofrerem interferência no palco enquanto realizam a performance. Neste espaço globalizado há profissionais percebendo que não há algo pronto ao ponto de ser congelado como única forma de produção de conhecimento acerca de uma ciência. No jornalismo, por exemplo, variados programas de tv, sites, revistas, dentre outros,

fazem uso consciente da experiência e da subjetividade como uma maneira distinta de fazer-se.

Vender o peixe de composições que nascem numa primeira pessoa e apoiadas em terceirizações de trabalho pessoal e exportação de material e artesanaria humana. Escrevo-o no histórico município de Mariana - MG, primeira capital do estado de Minas Gerais, que me oferta o minério em cada dia de ferro e o de muito mundo virtual. Parecendo fazer isso em troca do “amor estrangeiro” que nunca chega, sem saber que nesta antiga e remanescente transação está envolvido muito dinheiro, além do ouro e das vidas há tanto tempo em exportação. Ah, o parturiente de minha amiga Ismália, Alphonsus de Guimaraens, foi juiz desta comarca - que homenageia a portuguesa Rainha Maria Ana - durante a abolição da escravatura no Brasil. É a vida do presente que não deixa o passado passar sem ser eternamente revalidado.

“Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos mundo dá um bando de voltas.” (RAMOS, 2003, p. 48). Vivo agora neste aqui marianense há 5 anos, não é muito o tempo, nunca é. Se nestes ou nesses 5 anos, não sei sentir antes de por no papel. Se o tempo passado que ainda vivo está longe ou perto de mim. Foi suficiente para fazer eu confundir meu âmagio meio vendido com o da alma das ruas deste espaço, principalmente após entrar no curso de Jornalismo “e assim, tocado pela sua presença, a mim me pareceu que o doloroso canto do jardim do crime se transformava no horto das rosas” ( JOÃO DO RIO, 2008, p. 92) na praça Gomes Freire.

Uso minha própria experiência como possibilidade empírica pra divertir os conhecimentos acadêmicos humanos. Falo divertir pra irritar, ou fugir da expressão que não consigo encontrar para descrever. Fico alegre com os saberes que me foram ofertados para que eu percebesse e falasse melhor sobre esse processo de auto exploração e também dos benefícios e perdas que obtemos ou parecemos obter com isso. E sabendo que altura é algo a se atingir, eu gostaria que conseguíssemos chegar neste ponto de renascimento coletivo que não sei como existe além das fantasias, por isso, recorro a uma forma de me sentir louca - enlouquecendo. Para conseguir resistir, venho lúdica, metafórica e problematizante.

Mas a proposta aqui já foi uma recriação virtual/real e coletiva de ruas em ato criativo. Eu e uma grande amiga, havíamos nos proposto em conjunto à materialização de algo que sentíamos ao que não sabíamos dar forma, mas que dizia vir e ir à rua. Estávamos inspiradas pelo que é conviver com as ações de outros indivíduos no momento histórico social em que vivemos e queríamos compartilhar a rua por nós percebida, mas a importância disso ficou inicialmente difusa para nós, era importante realizar aquilo, por para fora, parir algo virtual ou

real. Mas no decorrer dessa criação, os assuntos que eu e ela queríamos abordar foram tomando algumas ruas distintas. Cada qual foi se acidentando em ruas de distintos momentos. Pra alegria minha, ainda possuímos vontade de trabalhar juntas e de nos juntarmos a outras iniciativas que fortaleçam o indivíduo e o empoderem. Hoje, minha amiga Inaê tem um projeto de cunho educacional, em que realiza oficinas de zines em escolas públicas com crianças e jovens de baixa renda.

### **1.3 - Entre-linhas culturais**

A partir destes percalços sensitivos convivendo com outras pessoas em instituições sociais - desenvolvi o website *Sincronia de Ficções*, iniciativa comunicacional em eterno desenvolvimento, e abrigo de criaturas diversificadas que se permitem sonhar embora sabendo que estão acordadas. Pois, bem sabem que a realidade é um dado subjetivo, compreensivelmente objetivado por necessidades de nos fazermos entender, e desta forma convivermos com atritos menos destrutivos. Contudo, o atrito é inevitável - uma força física que surge em sentido contrário ao movimento de um objeto - e sempre aparece quando uma ideia ou um significado se descolam.

*Interrupção!*

*Quando Ismália enlouqueceu*

*Pôs-se na torre a sonhar*

*Viu uma lua no céu*

*viu outra lua no mar*

A condução ao significado remete o significante para “outra coisa’ que não apenas aquelas reveladas pela presença do objeto físico” (MENDONÇA, 2010, p. 181). Com isto, tento dizer indiretamente aquilo que pretendo expressar neste memorial descritivo, mas seguindo o horizonte me direciono. Voltando a um norte meu: expressar a experiência por meio de narrativas menos modelizadas, mais literária talvez. Para isto é necessário refletir sobre os conceitos e os modelos de expressão já compartilhados, vastamente acolhidos, compreendidos e creditados.

*Questões de tempo  
...finais são relativos*

*e até chegar é infinitivo e indefinido  
Já que o infinito esconde-se  
de acordo com a vontade do horizonte  
começo por onde ainda não cheguei, mas tentei*

O além texto do texto não se descreve, mas experimenta-se. Encontra-se o horizonte, vive-se e escreve-se sobre ele, sabendo que também há uma paisagem além da que habitar o pensamento. As entrelinhas são este além, temos a capacidade de senti-las, mas se as alcançamos elas se transmutam em outras necessidades. “Cada agora também é acompanhado por uma tensão para o instante seguinte, um prolongamento do momento atual” (ANTUNES, 2010, p. 157), então, é bom que dá pra chegar até perto... É este o eterno viver do ato narrativo que mais me encanta, a possibilidade de continuar contando uma história em qualquer linguagem em todo lugar e a qualquer momento. Como quando em trânsito o final da estrada é outro começo com um novo horizonte.

### ***Real idade***

*Bom ou mal?  
depende de quem qualifica  
O tempo em questão  
Experimenta-se distorcível  
e toda realidade é provisória  
doze que parecem valer por cinco  
são também centenas de idas e vindas em vida*

*testemunho da ausência de justificativas  
que amenizem o estado provisório  
Cinco podem valer por dezenas  
De anos, de instantes  
De rodagens do relógio nas estantes*

Isso ajuda a elucidar que um acontecimento é percebido de maneiras distintas por cada pessoa que o vivenciou, assim todo relato foi, é, e será único, mesmo que realizado com auxílio de modelos textuais como os que existem no jornalismo. Um ocorrido também será encarado e interpretado de maneiras distintas inclusive por um mesmo observador. Um antigo

exemplo: um livro, se lido duas vezes, pode desconstruir ideias trazidas anteriormente e trazer significados novos a quem ler. Assim, o horizonte - livro para os sentidos vivos - pode ser lido de maneiras diferentes, mesmo que observado por uma mesma ou duas pessoas que ocupem o mesmo raio de 11cm.

Perceber e reinterpretar é um aspecto natural nos seres humanos. Pois vivemos em fluxos de tempo que secretam o vir a ser dum acontecimento e, simultaneamente, guarda aquilo que já puderam ser. Esta característica é uma das que possibilita ao espaço e seus acontecimentos interpretações de acordo com as necessidades socioculturais de cada interpretante. Ao nos depararmos com uma narrativa realizada por jornalistas, estamos perante uma experiência de mundo modelizada. O relato jornalístico opera dando forma àquilo que é informe e produzindo representações de um mundo. Isso implica uma série de desdobramentos, pois o texto parte da experiência sociocultural.

Para compreender qualquer símbolo é essencial possuir algum conhecimento acerca das práticas culturais nas quais ele se assenta. “É exigido do leitor um conhecimento do signo para agir a partir do signo” (MENDONÇA, 2010, p. 180) . O antropólogo e professor Roque Laraia diz que a interpretação dos acontecimentos do cotidiano é influenciada pela lente cultural que cada indivíduo possui, assim, pessoas de “culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas” (LARAIA, 2001 p. 1). Um dos fatores que influem nisso, é que o ser humano “tem despendido grande parte da sua história na Terra, separado em pequenos grupos, cada um com a sua própria linguagem, sua própria visão de mundo, seus costume, e expectativas.”(LARAIA, 2001 p. 4)

É possível deduzir que nos acercamos contemporaneamente de uma virtualização que auxilia a transposição das distâncias físicas com menor esforço, e demandando menos tempo de travessias. Estamos mais próximos tanto de nos entendermos mutuamente quanto de entrarmos em atritos com perdas irreparáveis. Tornamo-nos dependentes da virtualidade, e em partes tal dependência auxilia na diminuição da desmistificação e do estranhamento nocivo entre culturas. Mas ainda assim, a possibilidade de saber rapidamente da existência daquilo que me é estranho, não me aproxima necessariamente de obter empatia por suas motivações.

O etnocentrismo proveniente da “crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão” (LARAIA, 2001 p. 5). A partir disto, as afirmações do escritor sobre Como Opera a Cultura ajudam a elucidar como alguns assuntos e modos de expressão, que constituem algumas das principais pautas e reportagens jornalística, são edificados com base no tipo de interpretação de culturas específicas e privilegiadas pelo processo histórico. Assim, mesmo diante da virtualização e sua conseqüente aproximação de

indivíduos estranhos, há modos de manifestar-se que beneficiam mais determinadas construções identitárias. Pois há nesta proximidade consequências decorrentes de fortes tendências etnocêntricas.

O ato jornalístico está permeado pelo texto cultural desde antes de a narrativa ser tecida, em alguma linguagem da qual a jornalista pode fazer uso. “O texto cultural é um sistema de numerosas conexões e relações formadas no contínuo conector da língua e com as múltiplas linguagens que a atravessam” (MENDONÇA, 2010, p. 183). Partindo deste pensamento, os textos são um reflexos da interação social entre indivíduos, e cada um deles reporta a experiência de segmentos específicos da sociedade, pela qual é ratificado para portar informações importantes para a manutenção da vida social.

Levando em consideração que o texto cultural no espaço globalizado traz mensagens de afetos cada vez mais compartilhados, estamos diante de fenômenos culturais abrangentes que podem ser conhecidos e influenciados por mais agentes do que em tempos anteriores. Um aspecto crucial na cultura contemporânea é a necessidade de rápida transposição de tempo e espaço, tanto de objetos quanto de ideias. Para isto ocorrer de maneira horizontal, não promovendo exploração nem o obscurecimento de algum setor da sociedade, deve haver uma socialização dos possíveis significados satisfatória, ou seja, o interpretante deve possuir um conhecimento prévio das ideias e, conseqüentemente, dos signos que nelas se assentam e que possibilita seu compartilhamento. Tamanha carência pela rapidez, na troca de informações, obscurece algumas reflexões necessárias. Como, por exemplo, a característica de que “nenhum sistema de socialização é idealmente perfeito, em nenhuma sociedade são todos os indivíduos igualmente bem socializados” (LARAIA, 2001 p. 11). Desproporção que é difícil de romper ao nos atentarmos às díspares distribuições de benefício sociais durante processo histórico da humanidade, como o acesso à educação.

Mediante a uma forma de comunicar-se que não é nada inclusiva, em vários sentidos, diversas ideias e ideais trazidos nas informações são compartilhadas perante a parcial compreensão de seu significado. E este é um jogo complexo pra se fazer apostas, pois, de alguma maneira, as pessoas sabem como agir e podem “prever a ação do outro” (LARAIA, Roque, 2001 p. 12) ocasionada por uma antecipação que “refere-se como uma experiência futura como tendo ocorrido” (ANTUNES, Elton, 2010, p. 157). E assim, “além da experiência vivida como coisa já passada, o ator social, ao mesmo tempo, no curso da sua ação, se volta para o futuro” (ANTUNES, Elton, 2010, p. 158). A diversidade e a quantidade de sujeitos e motivações, distribuídos em vários tempos e espaços, reposiciona o jogo mediante a uma infinidade de relações que os indivíduos constroem. Obscurecendo assim,

mesmo os significados das informações do presente. E torna necessário que seus afetos possam conter classificações mais subjetivas de acordo com o movimento incessável das relações construídas pelo movimento que proporciona vida.

### ***Rascunho 2***

“ O Juiz descobriu que existiam acidentes. Criava um mergulho de fuga, duélogo, pois pouco tempo antes, havia em si uma batalha entre a objetividade que sua profissão exigia e a paixão que seus mergulhos instigavam. O poeta queria expressar a dor da alma antes de julgar, sabia que vida e acidentes são construídos por atos anteriores, outras palavras. E o juiz se percebia perdendo o dom de avaliar que causas justificavam o enlouquecimento e a perda do próprio controle.”

*(A menina das terras de mina - O devaneio de primeira instância e a poesia das regras)*

“A temporalidade de um fato extratextual invade a matéria”(ANTUNES, 2010, p. 155) é o jogador em sua situação atual, é o jogador em sua situação futura”? (IDEM) As continuidades também são múltiplas, ou seja, como tudo no mundo, pode ter diversos inícios antes de ter continuado, ou estar continuando algo antigo ou ainda começando algo novo. Começos, continuidades, finais podem provocar a sensação de que se está a enlouquecer. É claramente notável quando o som de uma buzina começa ou termina, mas várias buzinas se tornam quase um uníssono de imperceptível início, meio e fim. Vozes , venezianas...são tantas janelas, que quando não se escolhe apenas um ocorrido na rua ao que dedicar atenção, a narrativa pode perder, por vezes, a capacidade de reportá-lo, mesmo ficcionalizando a história.

### **1.4 - Subjetivação da prática jornalística**

As células dos seres vivos comunicam-se umas com as outras, e cada uma delas tem um modo específico de transmitir mensagens para que o organismo do qual faz parte mantenha-se vivo. Isto é um conhecimento que está impresso indiretamente nos livros didáticos sobre as ciências biológicas. E partindo destas considerações da biologia, a comunicação é vista como uma necessidade intrínseca, da matéria que habita este espaço e fluxo de tempo. Ainda partindo desta perspectiva, o ato de comunicar-se é universal e pode ser generalizável, ou seja, o ser social sendo também ser vivo comunica necessidades universais, para além de suas distinções socioculturais delineadas pelo tempo e pelo espaço.

Contudo classificar e delimitar as necessidades básicas de um ser vivo, que está inerentemente ligado à significação e alteração da matéria que o circunda, pode ser uma grande incoerência. Ingerir alimentos é uma necessidade de todo ser, mas o paladar é um sentido peculiar que pode ser estendido à vivência sociocultural. Então, comunicação social não é biologia, e as necessidades humanas, por mais objetivas e generalizáveis, são também peculiares e dependentes um maior número de tentativas de classificação.

A comunicação social é uma área do conhecimento, e uma ciência aplicada aos seres humanos - que são como as células da sociedade. Comunicar-se socialmente é a arte de lidar com determinadas linguagens - textos, imagens, áudios e vídeos - compondo narrativas. E também plataformas para divulgação dos conceitos; conhecimentos; acontecimentos da crescente massa humana e sua necessidade de manter-se conectada trocando mensagens e informações. A história do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa - rádio, jornal, revistas, televisão, internet, elucida a necessidade do ser humano de comunicar as frequentes informações produzidas sobre o cotidiano de maneira eficaz. Nesse sentido, foi necessário o desenvolvimento de uma ciência da comunicação para promover o diálogo entre culturas muito distintas que aproximam-se, mas não conseguem compreender as necessidades mais imediatas que expostas nas mensagens.

De acordo com este ponto de vista, o jornalismo é uma forma de produção de conhecimento sobre o mundo. E na perspectiva de que conhecimento é um ideal, abstrato, a ser alcançado e não um dado concreto, neste memorial o jornalismo é considerado como uma forma de conhecimento acerca da realidade, considerando que esta é estruturada por diversificados pontos de vista. Ou seja, um parâmetro para relatar, à sua maneira, conhecimentos produzidos na esfera social (MEDITSCH, 1997). A afirmação não exclui a diversidade de metodologias e técnicas que estão presentes nos outros modos de produção de conhecimento da sociedade. Por isso, “o Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade [...]: ele simplesmente revela diferente” (MEDITSCH, 1997, p. 3). A jornalista - ao revelar algum aspecto da realidade experienciada - faz uso de formatos específicos de linguagem para produzir conhecimento. Dessa forma, ela atua como mediadora das informações na sociedade.

O processo histórico que possibilitou o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, que aproximou os seres humanos, a partir da rápida transposição do espaço, tanto física quanto simbolicamente, oferta também à massa beneficiada desafios. “Seria possível pensar que o texto jornalístico visa uma espécie de estrutura composicional da experiência” (VAZ, 2010, p. 148): O que dizer? Como dizer? Quando dizer? Onde dizer? Porque

dizer? Perguntas que auxiliam a profissional a compor uma narrativa, a partir de um recorte específico sobre a realidade experienciada.

No texto noticioso essas perguntas geralmente estão diluídas no primeiro parágrafo e dispostas em ordem de importância, ou seja, os recortes do acontecimento que a profissional julgar como mais relevante devem vir logo no começo. Algumas narrativas se iniciam a partir dos atores sociais que foram responsáveis pelo acontecimento, ou seja, *'quem'*; outras, iniciam a partir *'do que'* aconteceu e em seguida partem para as motivações que geraram o acontecido. Assim está a pirâmide invertida no jornalismo. Lembrando que tal método de construção de narrativas também pode estar presente em outras linguagens - além da textual - que o jornalista também faz uso para compartilhar suas mensagens e informações sobre a realidade percebida.

Seria possível pensar que o texto jornalístico visa uma espécie de estrutura composicional da experiência. No texto respondemos a estas perguntas: O que aconteceu? O que deve acontecer na sequência? Por que [isso] aconteceu? Quando e onde [isso] aconteceu? Essa estrutura de composição é expressa fundamentalmente por uma narrativa, por um encadeamento de elementos. E quando algo experienciado se chega à consciência, essas perguntas podem ser imperceptivelmente acessada para a construção de um conjunto de elementos que auxiliarão na tradução dos afetos sentidos.

Deste modo, o jornalismo, à sua maneira, compartilha uma experiência de mundo que pode ser modelizada de acordo com padrões narrativos, pela garantia de atingir mais pessoas, e também para ter mais certeza de que será bem creditado de acordo com as informações veiculadas em um modelo de construção de textos que já é compartilhado e vastamente compreendido. Dada a urgência dos tempos modernos, estes textos estruturados com objetividade são uma característica necessária e tem uma função informativa essencial para as pessoas que vivem na correria do dia a dia e não tem tempo para buscar recortes da realidade que exijam atenção por mais tempo para que sejam compreendidos. Isto é uma maneira de modelizar a experiência de acordo com formas para expressar e memorizar os afetos que geram o relato jornalístico. Surgem numa necessidade de padronizar e amenizar o atrito do contato entre humanos que são necessariamente distintos, já que ninguém é igual, por mais que compartilhe determinadas experiências sociais, culturais e conseqüentemente formas de pensar e agir.

Entretanto, se “por um lado, o reconhecimento de alguns fenômenos como típicos às ações humanas possibilitou a efetivação de medidas de controle, por outro, estabeleceu mecanismos de resistência capazes de alterar aquilo que falsamente foi atribuído como da

ordem da natureza; portanto imutável” (MENDONÇA, 2010, p. 186 e 187). Assim, supervalorizar a objetividade foi se tornando um desafio profissional e social em diversos aspectos. Narrativas mais complexas, que exigem maior atenção para que sejam compreendidas, também são necessárias à sociedade. São capazes de trazer mais pontos de vistas, ou seja, um maior número de recortes acerca da realidade que não é construída por uma só pessoa ou instituição.

Acordado com o que foi exposto acima, a elaboração das notícias e reportagens veiculadas para a sociedade pode ser padronizada, assim como nas outras áreas de produção do conhecimento com seus métodos e técnicas. Eduardo Meditsch fala sobre tal aspecto utilizando como exemplo “o ex-jornalista e sociólogo do conhecimento Robert Park”. Ele define “o Jornalismo a partir do que tem de diferente, do que lhe é específico como forma de conhecimento da realidade” (MEDITSCH, 1997, p. 3). Distinguindo-se (...) entre um “conhecimento de” utilizado no cotidiano e um “conhecimento sobre”, sistemático e analítico, como o produzido pelas outras áreas do conhecimento. Para situar o Jornalismo, Park vai propor a existência de uma gradação entre as duas espécies de conhecimento e colocar a notícia num nível intermediário entre elas.

A partir destes relatos um tanto superficiais sobre a produção de outras formas de conhecimento da humanidade, o Jornalismo é capaz de promover uma mediação entre instituições de poder e saber e a sociedade, que pode estar interessada nas rotinas de tais instituições. Este tipo de diferenciação do Jornalismo a partir do grau de profundidade que alcança comparativamente às ciências exatas, biológicas, à História etc, é admitido pelos próprios jornalistas. Ao fazerem comparações entre o seu trabalho, e o de outras formas de produção de conhecimento, os jornalistas costumam sugerir esta forma de gradação. Quando não se refere à profundidade de análise, a gradação pode referir-se também à velocidade da produção, e o Jornalismo já foi definido como a História escrita à queima-roupa. (MEDITSCH, 1997, p. 3).

Antes de elaborar um relato, nota, ou gerar suas memórias - sejam elas noticiosas ou não - o profissional da comunicação faz escolhas das pautas que serão os assuntos ou acontecimentos selecionados para tornarem-se notícia. E pensando em como são tomadas estas decisões que culminarão na escolha da pauta, os modos de produção do jornalismo, como forma de conhecimento, trazem diversos questionamentos sobre o processo investigativo da repórter e seu posterior relato. Nesse sentido, a elaboração de pautas de uma realidade constitui a pré-produção jornalística, como em uma pesquisa. Tal realidade é experienciada pela repórter quando ela está em convívio com outras pessoas na rua - no

sentido de alteridade, de conhecer o que lhe é estranho - a outra pessoa - para poder representá-lo. Pois, à sua maneira, o jornalismo informa sobre os acontecimentos dos atores sociais no cotidiano.

Por essa perspectiva de como se dá o modo de produção, Manna lembra que “tal noção frequentemente leva o jornalista a eleger certas instâncias como fontes de informações mais legítimas. Onde podemos encontrar informações?” (MANNA, 2012, p. 70). Essa questão vai de encontro à interpretação da repórter ao escolher fontes que auxiliem no processo de apuração. Ou seja, a escolha da fonte principal vai alterar a forma que o acontecimento vai ser interpretado pela repórter. Por exemplo, se a fonte selecionada for uma instituição social/organização da sociedade, ou uma pessoa que participou do acontecimento dentro de sua própria rotina, isso pode causar diferentes leituras/interpretações em quem processa a informação.

Assim, embora a objetividade na reprodução jornalística seja predominante, não se pode esquecer de que ela não é isenta da experiência pessoal de cada indivíduo. A repórter percebe os acontecimentos e os interpreta de acordo com sua experiência. Podendo expressar algo subjetivo e que não é neutro. Tal expressão é evidenciada inclusive nos critérios de seleção e hierarquização da notícia factualista, evidenciando, assim, marcas de subjetividade. Marcas que aparecem em narrativas mais dinâmicas, como em algumas publicações literárias que eram veiculadas em jornais.

No final do século XIX, no Brasil, algumas produções literárias também eram publicadas em jornais no formato de folhetim (capítulos de um romance). Isso serve para elucidar que já houve e ainda há produções no jornalismo que atribuem subjetividade aos seus discursos, tanto que muitos autores da literatura eram também jornalistas. Como Mário Vargas Llosa, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, dentre muitas outras criadoras e criadores que se arriscaram no Jornalismo. Essa é uma característica que, por vezes, vem sendo ignorada no exercício da profissão, e que poderia trazer benefícios aos profissionais e à população em geral.

A objetividade imposta ao jornalismo é promovida pela urgência da modernidade. Aragão elucidar que há práticas jornalísticas que “buscavam contextualizar os fatos numa cadeia de eventos cuja sequência e encadeamento”, formavam um “quadro dinâmico da narrativa” (ARAGÃO, 2005, p. 4). No entanto, alguns gêneros discursivos do jornalismo carregam o princípio da objetividade, o que é socioculturalmente atribuído à profissão, como já foi exposto acima.

Ainda nas considerações de Manna, podemos compreender que “informar significa dar

forma a algo”. E assim “a informação seria produto dessa operação: uma figura de visibilidade. Quando dizemos que a informação instaura uma visualidade, estamos, é claro, nos remetendo a uma noção imagética ampla, possibilitada inclusive por textos verbais ou sonoros.” (MANNA, 2012, p. 69). O jornalismo entra no que Jean-François Lyotard mostra na denominação dos enunciados denotativos, como sendo a consideração de que as coisas são assim porque aconteceu assim, enunciando verdades totais. Por isso, “o lugar da informação jornalística no nosso cotidiano tem implicações práticas diretas em nossas vidas.” (MANNA, 2012, p. 75). Desse modo, a jornalista ética deveria falar de enunciados verdadeiros, de acordo com sua própria vivência, ao invés de declarar verdades enunciadas. Os produtos propõe que a repórter tenha uma interpretação do acontecimento que perceba os detalhes, buscando causas, efeitos e consequências que as pautas exigem, e isso se dá pelo fato de o jornalismo ser investigativo em sua essência.

## 2 - NARRATIVA E EXPERIMENTAÇÃO

*Após morar em terras minadas  
Sei que existem túneis sem fim  
Que saída ou permanência  
Confundem-se com entrada*

*Assim vi também  
Portais de função duplicada  
Funções de múltipla estrada*

*E após ver que qualquer terra é minada,  
Minas se torna mais geral  
Seu nome confuso com sua carência  
Não por ouro ou pedras preciosas*

*É que igualmente dá pra ver  
A parte não soterrada  
A história mal contada e compartilhada*

Em meus sonhos, este trabalho é como uma cidade. Cada ponto dele funciona como um bairro. Cada parágrafo como uma rua, cada palavra uma casa, cada letra uma pessoa. O bairro dois, "Narrativa e experimentação", é a descrição de um site, o *Sincronia de Ficções*, uma iniciativa comunicacional que preza pelo emprego consciente e assumido da subjetividade e da experiência nas composições. O bairro um "Sincronias e sinfonias de abertura", fica mais perto de uma das entradas da cidade, a oficial, enredo enfeitado pela prefeitura para fazer parecer que a cidade está mais florida do que na realidade. Aqueles trechos com piscas-piscas milionários para esfomear os mendigos e entreter turistas ou crianças sortudas/privilegiadas durante o final do ano. Como ocorre com frequência na cidade natal de Ismália.

Entende-se que o trabalho tem uma vertente virtual alimentada pelo ser vivo que ainda não virtualiza-se por completo. Neste sentido, ele pode ser em algum momento um zine impresso, uma intervenção artística na rua, mas está sempre como um lugar hospedado na internet. No espaço da memória virtual, ele foi desenvolvido com três sessões: Dia-crônico, ConSumo, ConTexto Sonoro. Sua descrição está no projeto gráfico e editorial expostos no item 2.1. No futuro, quando o projeto estiver divulgado e contiver mais conteúdos meus e de outras pessoas, haverá uma aba do site intitulada *Parcerias (amor ver-se a mover-se)* que será destinada exclusivamente para divulgação de páginas e sites interessados em compartilhar e

colaborar com a página.

Ainda que o memorial esteja sendo apresentado, a iniciativa está em auto descoberta e (eterno) desenvolvimento de suas potencialidades. Portanto a equipe de produção, tanto como o seu layout, e formas de existir no mundo material, ainda estão sendo lapidadas. Eu pensei que, após fecundada, demoraria uns nove meses pra ele sair do ventre dos meus ventos, e foi quase assim. Esqueci-me apenas que, sendo bebê ainda, aprenderia a engatinhar e assim, sucessivamente, ganho de anos e maturidade.

Quando idealizamos o *Sincronia de Ficções*, eu e a amiga com quem iniciei este trajeto, nos inspirávamos, consciente e inconscientemente, na miríades de informações que nos edificaram desde que éramos apenas meninas. Tantos afetos nos influenciavam, desde a necessidade de nos empoderarmos perante os pré-conceitos a nós direcionados, quanto acompanhar outras identidades se empoderando. Tivemos acesso a conhecimentos e privilégios sociais - na escola, família e em outras instituições - que vieram instigando em nós a necessidade de expressarmos essa afluência de afetos, como o fazem outras pessoas em suas gerações desde tempos imemoriais. Quem somos esses nós de hoje afinal?

Nos afligia a insuficiência de conclusões, posicionamentos, e formas de apoiar e representar movimentos sociais que empoderam satisfatoriamente o indivíduo. Novamente, saber o que está em jogo nessa transação não é fácil e é pungente aos sentidos, de maneira a imobilizar a atuação sociais dos agentes, mesmo daqueles que foram privilegiados pelo processo. Não nos questionamos o suficiente ou nos posicionamos de maneira a dividir os privilégios que por ocasião nos foi dado alcançar, e de certa forma precisamos ter empatia por causas que não a fecundam imediatamente. Sentíamos isso mesmo nos muros da formação superior, digo de maneira pessoal que a universidade me ajudou a conhecer a potência de tantas incoerências no posicionamento social, mesmo do meu, e inclusive nas esferas sociais que tem na inclusão social e compartilhamento de conhecimento horizontal, um de seus pilares e fundamentos. É necessário de sair de algumas zonas de conforto, e adquirir um pensamento mais nômade que sofre menos em ter que se readaptar quando deve reconhecer-se incoerente, e buscar maneiras de mudar para incluir a quem diz amar. Amor, palavra que não pode ser excluída, causa que nos move.

Causas são compartilhadas. Também são imateriais, não as tocamos e nem somos donas daquilo que por ocasião conseguimos criar. Como dito inicialmente, eu não sabia que caixas abrir, tive dificuldade em compor esse processo comunicativo e sua justificativa. Queria abraçar o mundo num acordo objetivo, e acordado ninguém tem braços tão grandes.

Por tal razão, este processo aqui é um sonho. E as ficcionalizações teóricas que nos foram dadas conhecer nas carteiras universitárias me ajudam a realizá-lo.

As inspirações que nos habitam são muitas e de várias naturezas. Não há como habitarem todas na internet, uma foto de árvore não é uma planta. Mas as iniciativas e veículos comunicacionais que me inspiraram na composição da minha própria estão hospedadas ou representadas, de alguma maneira, na virtualidade das ondas de compartilhamento virtual. A internet é uma ferramenta que muito me auxilia na sincronização das ideias que trago. Mas, por agora, não me aprofundi em análises sobre a natureza do afeto virtual proporcionado pela internet. E nem vou articular grandemente sobre as influências que compõem o Sincronia de Ficções.

## 2.2 - Projeto Gráfico Editorial

### ❑ Descrição e objetivo do projeto

Esta iniciativa tem como objetivo descrever e nortear a criação do projeto *Sincronia de Ficções*, que faz uso de recursos comunicativos que prezam pelo emprego consciente e proposital da subjetividade e da experiência em suas criações. Tendo em vista que estas podem estar ficcionalizadas, ou serem narradas à maneira com a qual o acontecimento se deu à percepção da pessoa que descreve. Conteúdos que se aprofundem mais, que tenham fôlego de querer se debruçar, problematizar e conhecer realmente o assunto que será sua temática. E também narrativas curtas, como poemas de minha autoria e de outras pessoas.

### ❑ Menus

**DiaCrônico** - O conteúdo deste menu será aquele que tem intenção de publicar narrativas em processo de construção. Algumas delas funcionarão como séries outras como eternas continuações da mesma história.

**ConSumo** - Combustível e criatura. Coisas reais do mundo palpável que pra mim são consideradas como sumo. Aqui serão postados conteúdos relacionados ao consumo humano, produtos do setor primário, secundário e terciário. Em material e ideia, da alimentação ao ferro que deu vida à tecnologia. É a parte mais jornalística e objetiva com utilidade pública de

acordo com minhas filosofias de vida e ideologias.

**ConTexto Sonoro** - identidade sonora. Barulheria Imagética. O ConTexto sonoro tem como objetivo desenvolver nossa apreensão sonora e a capacidade de escuta, fundindo o som que produzimos com o espaço que nos cerca. A barulheria é sonora e visual, pois, na rua, haverá intervenções compostas de acordo com narrativas. Algumas das intervenções vão ser realizadas considerando o espaço ao nosso redor. Serão construídas narrativas sonoras e visuais, relacionando as mensagens trazidas pelas letras, melodias, harmonias e percussões. Estarei como musicista durante a intervenção e levarei composições próprias. Também poderemos acompanhar pessoas que já fazem este tipo de intervenção, e recolheremos o relato da experiência realizada no local.

**Produtores de conteúdo:** O que estará abrigado pode ser de autoria de qualquer pessoa que se interesse em publicar na página, tendo em vista que haverá revisão prévia de tudo o que será postado. Inicialmente não há outras pessoas produzindo conteúdo de maneira fixa junto a mim.

**Público alvo:** É você, criatura! Atura e cria, antes que cria e atura. Pessoas que se interessem por construções de narrativas mais lúdicas, porém problematizantes de seu tempo e espaço. Ainda não me aprofundei na reflexão acerca da recepção do produto pelo público alvo, tendo em vista que o produto ainda não foi exposto a público. Também não criei a iniciativa considerando desenvolver narrativas destinadas ao consumo de alguns tipos específicos de pessoas, mas sei que ele não despertará interesse em todas. Pondero nas minhas reflexões que cada menu poderá ser acessado por um tipos específicos, pois seu caráter é distinto. Sincronicamente, algumas das narrativas tem uma natureza reflexiva e requerem uma predisposição ao consumo, no sentido de que elas não são produtos que são alvos de vasto consumo midiático. O menu ConTexto Sonoro conterà conteúdos que, grande parte das vezes, alcançarão mais facilmente a percepção, para além de serem apreciadas mesmo pelas pessoas que as compreenderem.

**Linguagens:** Linguagem coloquial tendo em vista o uso proposital de erros portuguesísticos. Em relação ao meio de comunicação em que estarão contidas, as narrativas variam de acordo com linguagem sonora, visual, audiovisual, e escrita.

**Logos:** Tenho a intenção de criar várias logos, sempre que sentir a necessidade ou a vontade, criarei uma. A primeira logo do projeto trabalha um relógio com várias horas possíveis para o mesmo momento. Minha intenção é dizer que qualquer percepção é válida e que as percepções estão em influência múltipla tanto no espaço quanto no tempo.

**Cores:** As cores da página se inspiram na variação cromática utilizada na descrição dos chakras do ser humano. Os tons em marrom e laranja têm a intenção de representar os primeiros chakras, Muladhara e o Swadhistana, os primeiros que devem ser equilibrados em caso de desequilíbrio. O amarelo está ligado ao plexo solar, Manipura. O Azul ao Vishuddha e ao Ajna. Por verde, terei várias fotos de meio ambiente não devastado. O Lilás faz alusão ao Sahasrara, coronária. Branco é oxalá, preto é exu se comunicando por meio das letras e traços.

**Elementos gráficos:** Os elementos gráficos por enquanto, contém apenas conceitos visualmente mais simples, apenas quanto à disposição do conteúdo, formas e cores. Somente a capa do site - conteúdo contido abaixo do cabeçalho - no menu *Início*, trabalha com imagens em vetores de uma ideia fruto de múltiplos afetos, podendo ser exposta de muitas maneiras. Brincam com o processo criativo de conviver socialmente e gerar conteúdo artístico. Em relação aos elementos gráficos do projeto físico, como a produção de Zines, periódicos e folhetins impressos os elementos gráficos serão variáveis, cada publicação terá elementos distintos por serem colagens. Apenas a logo e o nome do projeto estarão fixos.

O material impresso será melhor elaborado quando o site estiver mais refinado, por enquanto tenho um zine pequeno e um cartão (marcador de página) que serão propositalmente apresentados no dia da banca. O conteúdo impresso também estará hospedado no site, mas exposto de maneira distinta

**Layout:** O site contém um cabeçalho com título *Sincronia de Ficções* quase centralizado, um subtítulo descritivo *Realizações e descobertas em eterno porvir*, acompanhado por uma imagem que simboliza continuação e retorno. A logo na parte superior esquerda. Abaixo do título e da descrição estão os menus: *Início*; *DiaCrônico*; *ConSumo*; *ConTexto Sonoro*. O conteúdo contido na capa da aba início já foi descrito. As outras capas contêm elementos gráficos simples, mas que contemplam além da disposição do conteúdo hipertmidático, contém também caixas de comentários que proporcionam interatividade com as navegantes, pois que serão sempre respondidos. Logo acima do título das matérias estará o link de acesso às redes sociais (redes sociais em construção): Drive, Facebook; Youtube.

**Equipe:** por enquanto não há equipe consolidada e não consigo prever como se dará o processo de nutrir uma equipe que me acompanhe com publicações fixas.

**Formas de compartilhamento e divulgação:** Inicialmente, conto com o compartilhamento em redes sociais quando a página contiver postagens mais constantes, pagando anúncios no facebook, google e outras páginas. As postagens ainda não são em grande número e com frequência inconstante quanto à organização do conteúdo e sua posterior realização. Considerando isto, as formas de compartilhamento e divulgação se darão de forma gradual, de acordo com o que a iniciativa for crescendo. Também o zine, os folhetins e o marcador de página servirão como formas de divulgar e compartilhar o *Sincronia de Ficções*.

**Orçamento:** Inicialmente preciso investir em pagar o domínio wix e imprimir o material impresso (53 cartões e 57 zines). Assim que possível, quero investir em material de produção, como uma boa máquina fotográfica que filma, microfone, tripé etc.

### **2.3 - Linhas de fuga editorial: Sobre vivência e aprendizado. Subsistência.**

Esta linha aqui é de fuga da realidade imposta, para paisagens com perspectivas de convergência em horizontes comunicativos que dialoguem com diversificadas formas de expressar e apreender os significados do mundo. Produções que submergem ao mar de pessoas nas cidades, no mato, da rua a lua. Linha que costura verdades, ficções e as ficções todas presentes numa verdade. A plataforma cai bem com indivíduos dados à práticas antropofágicas inspiradas em convívio social que preze por mais subsistência. Porque só a antropofagia nos une e ainda assim subsistimos.

As fugas dessa linha vão indo contra uma porção de coisas dos sistemas que vitimizam a construção identitária dos indivíduos, transformando grandes massas populacionais em minorias. Segue também em desacordo com as elites sociais comunicando-se com o sono em sonhos que viram o investimento contra quem investe à sua maneira...

As ficções em movimento tornam-se verdade

Esta, a mover-se transveste a ficção

Então, inconstantes em sincronia diacrônica

O conteúdo perpassa uma produção jornalística com maior potencial criativo para quem quiser se aventurar inclusive com o “não saber o que está acontecendo”, e ter que descobrir. A forma desse conteúdo é difusa, múltipla e brinca com as línguas. Por vezes idealiza linguagens novas, em formas de movimentar, se no mundo. Movimentar-se no mundo é brincar de ser e aprender. E quando se está em constante movimento é possível produzir ideias e realizá-las. E toda essa loucura que você já leu aqui pode ser aliada na produção. Até porque sincronizar as coisas é pensar em movimentos diacrônicos.

Aqui estão aplicados movimentos e pensamentos subjetivos, passíveis de mudança. Criamos e somos profissionais de vida, tal qual as (tão mal julgadas) putas. Qualquer profissional de ciências humanas, exatas ou biológicas pode se aplicar de forma pessoal ao ofício que lhe gera renda e isso acaba definindo como ser social.

### 3 - EXPERIMENTAÇÃO E NARRATIVA

*Parto (o que nasce tem uma origem anterior)*

*Ontem tive uma cria  
não se parecia comigo  
era mais sua cara, sua maneira de ser*

*Uma ideia em lampejos  
não se parecia com nada vivo,  
mas vivia por desejo de tornar-se  
(por tornar-se desejo)*

*Pari quase um indivíduo  
tinha a cara de um livro  
algo quase vivo como um costume, hábito antigo*

*Continua nascendo com natureza  
De respiros e inspiros bem aqui  
Onde lê o que é morto, há os gestos do que é vivo.*

Esta é a parte que experimentei antes de descrever, ou seja, tudo. Contêm reflexões sobre o modo de produção das narrativas do *Sincronia de Ficções*, e floreia mais afundo sobre as motivações de uma em específico, hospedada no menu *DiaCrônico* do site *Sincronia de Ficções*, é intitulada *A menina das terras de mina*, inspirada no poema “Ismália”, de Alphonsus de Guimaraens, já cheguei a citá-la anteriormente e quase agorinha me vou me aprofundar nela

No dia da banca, o site conterà postagens que não foram apresentadas no memorial: poesias, músicas, matérias sobre sujeitos agindo na sociedade real. Não as problematizo por aqui, “literalmente, me é desagradável analisar os contos. Afinal, sou o autor. E eles que fiquem de pé sozinhos. Posso dizer, no entanto, que a qualidade mais firme daquele meu livro é o ponto de vista.”(JOÃO ANTÔNIO, 1975, p. 8) De certa forma também não problematizo tão afundo sobre *A menina das terras de mina* exponho apenas suas motivações. Nas análises sobre os enredos tecidos, me limito a falar sobre seu modo de produção, mais necessariamente

sobre como minha experiência vivida gerou em mim a necessidade de desenvolver aquela pauta que surgia, às vezes, apenas como um título.

### 3.1 - Quando enlouqueci, encontrei Ismália na torre

*Ê Ê chuva*

*Exu vai*

*Exu! vem comunicar*

*Diz a Hermes que a brincadeira tá indo longe*

*E que Cronos deve se matar/mudar*

*Num outro dilúvio, agora fetal*

*Pra reavivar (reivindicar) os sentidos desse espaço*

*De pulsação acelerada e espinhal massacrada,*

*Pois permitem à terra assim enferrujar*

*Vendidos para objetivos de além mar*

*Só reentender os próprios ventres pode salvar*

*Tornada em América Privada*

*Desunida, Doutrinada, Desnorteada, Desidratada*

Ismália é uma amiga imaginária que não terminou de crescer nem de ser. Mas morreu assim que se jogou da torre.

#### ***Rascunho 3***

A voz com que Ismália conversava não era a mesma que gritou por seu nome, nem a que lhe deu. Pertencia a uma moça que chegou no devaneio sem estar sonhando. Ela estava visivelmente amedrontada, pois se não estava dormindo, não sabia como acordar, e a cada tentativa afundava-se mais no devaneio.

*(A menina das terras de mina - A voz encantadora da rua)*

Pode continuar assim, mas esses são só momentos do cruzamento de uma cidade pequena, ou não, numa folha (tela) obrigatoriamente branca. Em outros pontos das ruas na cidade há vários começos de história com diversas cores e plataformas para divulgação. Inevitavelmente se inter cruzam, e mesmo que de forma diminuta podem se influenciar em

convívio direto ou não. Este rascunho que apresento foi percebido numa manifestação ocorrida em Mariana durante o movimento “Eu luto pelo fim da cultura do estupro”. Fiz essa nota rascunhada enquanto estava na manifestação com o bloco e o transformei num conto. Nele, uma moça - Ismália que enlouqueceu - fugiu das telas após ver que havia como ser desenhada como outra mulher, e busca agora outras percepções que a desenhem. Chega a uma cabeça manifestante que sentia na própria imagem a vertigem que Ismália sentia da sua, assim Ismália passa a sentir - ou sempre sentiu - em si as motivações que geraram a ousadia daqueles atos.

O poema foi escrito no momento histórico do Brasil, em que o país aboliu a escravatura, como também já dito anteriormente, Alphonsus de Guimaraens é seu progenitor, que, além de poeta, era Juiz da comarca neste período, nasceu e se criou por aqui (Mariana - MG), diferentemente de mim. A conheci quando um amigo declamou o poema num sarau quando éramos adolescentes. Eu não sabia a relação que eu viria a nutrir com ela, mas por alguma razão, lembrei dela numa madrugada à porta da igreja do antigo seminário (ICHS), de “quando Ismália enlouqueceu”. E aos poucos ela se fecundou como minha personagem.

E desde que foi concebido por Alphonsus, o poema presenciou diversos momentos e movimentos históricos que possibilitaram o rompimento da barragem de Bento Rodrigues e a posterior transformação do distrito em uma barragem de detritos de mineração maior do que a anterior. O dique S4 será o segundo maior do complexo e terá capacidade de 1,05 milhão de metros cúbicos. Fica atrás apenas do dique S3, que tem capacidade de 2,1 milhões de metros cúbicos. O S1 e o S2 têm 15 mil e 45 mil metros cúbicos, respectivamente. O processo de exploração de minas na região inicialmente em busca de metais preciosos e minério de ferro, foi crucial nas navegações e revolução industrial por terem-nas financiado.

Os que vêm de longe’ não demoraram muito a aparecer. Os capitães da conquista abriam caminho. Huayna Cápac já tinha morrido quando chegaram. Em 1545, o índio Huallpa perseguia os rastros de uma lhama fugitiva e se viu obrigado a passar a noite no monte. Para não morrer de frio, fez fogo. A fogueira iluminou um filamento branco e brilhante. Era prata pura. Desencadeou-se a avalanche espanhola. (GALEANO, Eduardo, ANO, p. 17)

Outros processos históricos convergiram com este desde que Ismália foi concebida, aos quais hoje sinto e tento entender para problematizar. O país passou por diversos acontecimentos sociais e políticos, das ditaduras antigas à moderna provinda de uma série de

golpes de políticos mal intencionados, promotores de uma vasta devastação social para em benefício próprio, como ocorre o Governo Temer. Aqui também não me aprofundo na atual identidade sociopolítica nacional, tentando entender como o processo de colonização dos diferentes espaços do país, nem outros pormenores essenciais para uma enredo bem tecido sobre o assunto em questão. Realizo aos poucos estas pesquisas com o arcabouço de conhecimentos ofertados pela graduação em Jornalismo, desde a idealização de temáticas ou pautas, até sua concepção em enredos informativos, dentre outras formas de produção do saber das quais venho me aproximando. Aqui também não me retenho na análise dos acontecimentos no nosso processo histórico, a ponto de refletir sobre sua variedade interpretativa, nem me aprofundo sobre como estes convergem e se influenciaram sendo relacionados um com o outro.

Pondero sem grandes pormenores, que assim como Ismália também sou diretamente afetada por este processo. E como ocorreu com Alphonsus, também me pode ser dado apreender estes tipos loucura em meus afetos do cotidiano e sentir-me como alguém que vaga solitariamente na rua sentido em si a vertigem do salto. Antes mesmo de considerar uma mulher que salta para a lua refletida em paralelepípedos montanhosos, me atenho inicialmente loucuras traduzidas em necessidades de salto, as que fazem um homem saltar para buscar empatia no ser mulher. Pois ele, mesmo sem saber nunca como é ser feminino, pode ainda assim, ter uma torre de ideias muito machistas sendo derrubada ao ter empatia pelo gênero alheio. E não falo apenas desta empatia entre gêneros como motivação para o salto no desconhecido. Os afetos são múltiplos e a resistência ao salto pode demonstrar como construções ideais antigas possuem alicerces sólidos, o terremoto faz balançar mas não derruba. Ademais, sendo habitadas por indivíduos de outros tempos, será, mesmo que imperceptivelmente, ressignificada e modificada por dentro. Qual era a altura da edificação, e em que andar estava quando o salto se apresentou como opcional ou obrigatório? Pulando junto de Ismália, eu tento buscar em meu processo de construção identitário e do coletivo que me compõe, as sincronizações de nossos afetos.

Ismália se descobre como ser humano. Eu, junto a ela, por vezes, me encontro caminhando entre a poética que descreve a vida. Mesmo não sendo um ser humano, mas uma personagem ela chega a ser palpável ao tato. Habita nas entrelinhas que descrevem afetos da vida humana e pode nos ajudar a transitar entre essa realidade material e suas eternas possibilidades de descrição.



#### 4 - Considerações sem finais

*E nada mais comum/natural,  
querer mudar um/este final.*

Talvez neste momento eu já possa vir mais diretamente como Leticia, quem inicialmente trabalhava com possibilidade de temática: Sem título - O eterno interminado nasce ou morre simultaneamente. Posteriormente a expressão *Sincronia de Ficções* muito ajudou a entender minhas pretensões com a iniciativa, a qual agora já sabe qual é. Sempre senti que esse trabalho era como uma infinidade sem fim. Sensação, que após ter escrito estes textos que estás lendo, se expande.

Apresento uma iniciativa comunicacional que, desde seus primórdios, impulsiona em mim a necessidade de ser sempre uma profissional mais competente (por mais que eu tenha excedido o dead line), acima disso um ser humano que se propõe a assumir a responsabilidade sobre si, sobre suas próprias escolhas. Alguém que se reconhece como partícula de algo muito maior, de uma sociedade complexa da qual quer fazer parte, podendo torná-la melhor segundo uma vivência coletiva bem problematizada. E ainda assim algo muito maior, que pode assombrar o ser social, o desconhecido, as inevitáveis transições de tempo no espaço, o movimento da vida.

Quando penso no tipo de crescimento pessoal que este processo me proporcionou já fico satisfeita com os resultados. Aprendi a conectar-me melhor com a necessidade de expressão que me trouxe a cursar jornalismo. E exatamente por isso, não me fogem à percepção algumas das partes que não foram bem concluídas ou que não consegui finalizar.

Hoje entendo melhor a complexidade da construção identitária do ser social, suas instituições. O afeto de minhas ações diante do restante do mundo tornou-se mais claro quando eu li, ouvi ou vi belas narrativas, nas quais me reconheço em alguns de seus medos, alegrias, inseguranças, anseios..; A ponto que me sinto impelida a dizer: aqui não estão todas as vozes representadas, sem citá-las, apenas assumo que coexistem comigo. Principalmente aquelas identidades menos privilegiadas, aqueles anseios que a sociedade (e eu) tem como tabu, aqueles inalcançáveis ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade também para a América Latina e para a África, e por aí vai...

Diversas vivências vêm interferindo na tessitura deste processo, e diante do que foi dito até aqui, assumo que fazem parte dele. A vida chacoalhava a narrativa. Mas é necessário ser um tanto objetivo nesta perspectiva, mesmo que as ocorrências sejam difíceis de suportar.

Mas não consegui agir como era necessário ao todo, dizer ou fazer coisas que eu precisava realizar não só por mim. Algumas percepções e forças alcançamos apenas após errar, tropeçar. E até não agir de maneira a subestimar ou superestimar alguma partícula do todo, tenho um longo caminho a percorrer.

O trabalho não tem fim, faz parte de um todo em processo, e se propõe a nutrir bem o terreno em que essa vida se nutre, até que por ventura a história humana e os significados dos símbolos humanos não possam mais ser passados adiante. Mas até então, passo alegremente sem uma finalização prevista do afeto que me move e que se estenderá mesmo que eu esteja sem vida. E estas últimas palavras saem demoradas, pois custei a conseguir desapegar-me do processo e ter o trabalho como pronto. Mas as novas primeiras palavras, diferentemente das anteriores são menos sobre o eu que não consegue coexistir com outras pessoas, mais do mundo no mundo e dele em mim.

***Amor de ferro***

*Desligue as correntes*

*Ô liga do mar pra cá*

*ô liga das ondas do mar*

*ô liga de ferro que está no ar*

*Ô liga de ferro que não deixa o sangue estancar*

## 5 - Inspirações bibliográficas

ABRIL, Gonzalo: A semiose alegórica em textos verbovisuais. In: Bruno Souza Leal; Carlos Camargos Mendonça; César Guimarães (Orgs.): *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

ANTUNES, Elton: De certezas e desvios: a experiência “modelizada” no texto jornalístico. In: Bruno Souza Leal; Carlos Camargos Mendonça; César Guimarães (Orgs.): *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ANTUNES, Elton. *Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia*. São Paulo: Revista Galáxia, n. 18, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.

FRANÇA, Vera. Impessoalidade da experiência e agenciamento dos sujeitos. In: Bruno Souza Leal; Carlos Camargos Mendonça, César Guimarães (orgs): *Para entender o jornalismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1983.

JOÃO ANTÔNIO. Corpo a corpo com a vida. In: \_\_\_\_\_. Malhação do Judas Carioca. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LEAL, Bruno Souza. O jornalismo anda de carro? In: Bruno Souza Leal; Elton Antunes; Paulo Bernardo Vaz (orgs): *Para entender o jornalismo*. Belo Horizonte: Autêntica. 2014

LOPES, Denilson. *Do sublime à leveza*. In: CONTRACAMPO, Revista de Cinema, edição especial - número duplo. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/530/277>>. Acesso em Junho de 2016.

LOPES, Fernanda Lima: *Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica*. São Paulo: Paulus, 2013.

MANNA, Nuno. O que é a informação? In: Bruno Souza Leal, Elton Antunes, Paulo Bernardo Vaz (orgs): *Para entender o jornalismo*. Belo Horizonte: Autêntica. 2014

MARI, Hugo: *O texto como modelo de experiência estética: sensação ou percepção*. In: Bruno Souza Leal; Carlos Camargos Mendonça; César Guimarães (Orgs.): *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

- MEDINA, Cremilda. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus, 2006.
- MEDITSCH, Eduardo. *O jornalismo é uma forma de conhecimento?*. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0582-1.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2015.
- MENDONÇA, Carlos Camargos: Experiência e significação. In: Bruno Souza Leal; Carlos Camargos Mendonça; César Guimarães (Orgs.): *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- REZENDE, Fernando Antônio. *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Anabulante: Fapesp, 2002.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. Organização: Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SANTAELA, Lúcia: *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTOS, Bruno de Aragão. *O real enquanto narração: um diálogo entre o jornalismo literário e a antropologia interpretativa*. In: Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. UERJ - Rio de Janeiro.:Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005. Disponível em:<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/160240526078631114889262017544062076303.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2015.
- SCHAFER, Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SODRE, Muniz. *As estratégias sensíveis: Afeto, mídia, política*. Petrópolis: Vozes. 2006.
- TRAVANCAS, Isabel. *A etnografia no campo da comunicação de massa*. Revista de Humanidades, v. 6, n. 1, 2011. Disponível em:[http://www.unifor.br/images/pdfs/humanidades/artigo9\\_2011.1.pdf](http://www.unifor.br/images/pdfs/humanidades/artigo9_2011.1.pdf) . Acesso em: 30 maio 2015.
- TRAVANCAS, Isabel. *Jornalistas e antropólogos: semelhanças e distinções da prática profissional*. In: Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador: Intercom, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93938703768181946134929607127456618345.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2015.
- VAZ, Paulo Bernardo: Cristo revitalizado: experiência estética e fotojornalismo. In: Bruno

Souza Leal; Carlos Camargos Mendonça; César Guimarães (Orgs.): *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WISNIK, José Miguel: *O som e o sentido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

## ANEXOS

### **Ismália - *Alphonsus de Guimaraens***

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,  
Banhou-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,  
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava perto do céu,  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Ruflaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar...

**Nome do blog:** *Sincronia de Ficções*

**URL:** <http://leu7a2.wixsite.com/sincroniadeficcoes/dia-cronico>

As partes de contos citados no memorial em forma de rascunho, fazem parte da narrativa “*A menina das terras de mina*”, que estará postada no site *Sincronia de Ficções*. Cada citação faz parte de um conto em construção. No site dá pra acompanhar outros contos da mesma sequência de narrativas. O Rascunho 3 faz parte da mesma narrativa que o rascunho 1.

### ***Rascunho 1***

#### **A voz encantadora da rua**

Pode ser qualquer sentimento a causar desassossego naquela rua de personalidade imperial, esquerda em caminhos de encruzilhada onde se descobre que certamente o sul é esquerda do norte e o norte esquerda do sul. Sem tocar nos assuntos leste e oeste, Esquerda permanece sendo esse contrário de tantas contradições. Santana era seu nome, carregadora de passos diversos, Esquerda era apelido íntimo. Rua que fica na parte baixa da cidade, carregando-se, por vezes, com espectrais torres, ela se tornava quase duas cidades, alta e baixa, esquerda e direita por conservação.

Santana era criação coletiva, vontade humana, mas não ser humano. Assim percebia tudo de fora, mesmo que o caso se desse em seus paralelepípedos. Às vezes, para ela, passado e presente tornavam-se a mesma coisa, tendo ela muita história pra confundir, tornava-se alheia. Passaram, passam, passarinhos passarão tantas pessoas por ela, que mesmo sendo reta curvada cheia de entradas e saídas, torna-se um labirinto crescente a um bel prazer que muda a todo momento. Fazendo determinados caminhos confundirem-se com norte único dos labirintos. É que não são muitas as pessoas que se orientam na exatidão geográfica e conseguem seguir aquela bússola encontrada não apenas no próprio mundo virtual.

Cada passante era como uma célula ou um impulso nervoso de seu corpo rochoso. E ela era como espectadora de passos, nascia da vontade que os geravam. E sabia entender as histórias mesmo que elas se escrevessem de maneira incompreensível aos humanos. Uma das histórias que ocasionalmente fincava habitação ou constitua morada em Santana era Ismália, uma mulher criação humana que às vezes transfigurava-se em ser, confundindo o humano que lhe cruzasse o caminho. Uma partícula de enlouquecimento virtualizada no ar como pó. Ela melhor companheira de diálogos de Santana, era uma vontade humana como a rua, mas que tinha outro uso.

Essa história pode soar estranha e complicada, mas não é. Ela é uma personagem que

habita numa rua com a qual mantêm contato. Vive numa realidade muito mais fantástica do que a que, por hora, vivemos. Na maioria das vezes chegamos lá apenas sonhando, mas ocasionalmente tateamos sua entrada em estado são. Lá não há máscaras nem enganos, e o que se imagina cria vida. E é lá, o lugar onde nasce tudo quanto é ideia, as promissoras e as que destroem massas sociais por ganância.

- Se essa rua fosse fosse minha, a cada dia seria uma coisa diferente, como o que sou quando a ser - Era a moça que gritava todos os dias pra sua rua, a única criação humana com a qual ela conseguia comunicar sua completa existência imaterial...

- Ismália!.. Ismália!” Ao redor dela está Santana. Na frente, atrás, aos lados, abaixo de seus pés segue a rua que grita por ela.

- Ismália!” grito alheio vindo duma multidão invisível. “Alphonsus?” Seus pés dançam na rua

- Não. Sou eu, Santana” É difícil morrer pulando dessa altura, Ismália - Santana vê-se sem pés e mãos, sendo apenas a rua morada do corpo.

Cresce rapidamente a torre abaixo de meus pés...”

...foi um caso ocorrido tão rapidamente, que não deu tempo de Ismália saltar, já não conseguia lembrar-e de que andar da edificação daria o pulo desta vez e a torre virou curva. Foi, então simular uma caminhada, pois já que podia voar como onda, todo seu movimentar era simulação.

- O que há com você Ismália? parece menos espectro e já não mantém as alturas de suas torres sozinha

- Não sei bem Santana, mas parece que sinto estar ganhando novas vidas

- Mas não sabe que é a cabeça que(m) tem que encontrar o fio narrativo, mulher?

- Sant'ana, já não gosto ou consigo morrer sempre da mesma maneira. Sei que há como se matar todos os dias e ser a mesma pessoa no dia seguinte. Mas esse ideal de pessoa em pelo o qual estou sendo descrita parece um mergulho reinterpretável.

- O que quer dizer com isso?

- Descobri como construir alturas com material de outras ideias. - Suave e com um sorriso ironicamente silencioso, a menina terra nascida da região despejava sua fogaenta lógica difícil de discordar .

- Ismália pouco sabia que para habitarem bem nas cabeças humanas as histórias deviam ser conquistadas como vontade própria. Santana sabia como Ismália se sentia e devia

ser cruel antes de ver sua amiga ser transfigurada como uma linha mal escrita ou uma mais uma poesia imatura.

- Moça, não sabe que pode tornar-se uma desilusão...- Mas antes que ela terminasse de expressar a tempo da fala ser reportada aqui, foi interrompida...

- Santana, sua intuição é menos crítica que a minha, se aproxime com quem te habita - e o fogo da menina tomou conta de sua lógica desaterrada

Tornaram-se um conflito no exato momento, e enquanto a rua trazia à própria memória mágoas de uma antiga revolução de invisíveis que foram aceitos apenas à morte sem cemitério, Ismália perdia-se em um labirinto de outros personagens que haviam pisado Santana.

- Ismália! – grito alheio vindo duma multidão invisível

- Alphonsus? – Seus pés dançam na rua.

Não era possível saber de quem eram os pés dançantes, Santana estava criando um manifestação teatralizada que trazia ao ouvido de ninguém o grito que devia ou podia ter sido percebido, e aos olhos, humanos vestidos como não haviam nascido.

- Ismália! - grito que virou a imagem de uma outra mulher

- Pois há quanto não a via! nunca te vi.

- Gritei seu nome, mas era a voz de outra pessoa, uma que não sinto gritar.

- O que você está dizendo?

- Também não entendo. Eu não estava aqui até agora, simplesmente apareci.

A voz com que Ismália conversava não era a mesma que gritou por seu nome, nem a que lhe deu. Pertencia a uma moça que chegou no devaneio sem estar sonhando. Ela estava visivelmente amedrontada, pois se não estava dormindo, não sabia como acordar, e a cada tentativa afundava-se mais no devaneio.

Os mais difíceis, são os momentos de parcial sanidade. E neste inexato instante, a moça estava sã a ponto de nutrir um diálogo mesmo que vago e em uma realidade que seu corpo não tocava.

- Estou gritando vozes que não são minhas. E minha boca te chamou de Ismália, acho que já ouvi falar em você

- Isso não me soa estranho, mas não me satisfaz. Aquela voz, parecia estar contida a tanto tempo que quando saiu, me gritou muito do seu desespero.

- Me desculpe

- Mas não foi você quem gritou.

O labirinto de Santana mudava com a força da coletividade pela qual era composta. Assistia nos quartos todas as pessoas que dormiam, ao mesmo tempo em que via Ismália conversar com a moça, Santana sabia quem era. Alguém que em outra realidade levava seus poemas ao túmulo de um poeta.

Após uns momentos, o que em outra realidade poderia durar horas, a força da coletividade que movia Santana mudou, acalmou-se e o labirinto estava quase controlado. Mas quando a Rua estava quase conseguindo voltar sua atenção para uma coisa específica, a menina não estava mais lá. A moça fez subir uma torre da qual saltou para a outra realidade.

**Continuação:** Santana conta a história de passos revoltados que abrigaram seus sonhos nas paisagens das grandes janelas e portas de madeira.

*Prévia:* Bem no cruzamento de uma rua tinha alguém surgindo ascendente no espaço como quem quer dizer uma história com o corpo em gestos quase e, definitivamente, vieram gritos...não, era um grupo de pessoas que surgia, todas performáticas em sua própria imagem de quem protesta, representa, assiste em protesto e protesta em representação real ou ficcionalizada. Faziam o que fosse que dissessem, havia outro alguém pra reportar em vídeos, fotos, frases curtas e textos longos.

## ***Rascunho 2***

### **O devaneio de primeira instância e a poesia das regras**

Estava escuro, a lua era tão minguante que quase não aparecia mais no céu. Ouviu uma voz enquanto andava na rua, que lhe provocou um nó na garganta, ela vinha de lugar nenhum, a rua das lembranças que existia em sua cabeça. Vagava em direção oposta à Rua Direita, e ele estudante de direito, amante da loucura noturna sentia-se impelido a ir contra a objetividade que o dia lhe instigava. Durante a noite, vivia na rua das poesias que costumavam lhe invadir.

A maioria das ruas nos dias comuns são carregadas de gente enquanto iluminadas pelo sol. As linhas da vida do juiz de direito foram construídas enquanto havia sol no céu e esquentando os paralelepípedos usados. Para ele, o que viria a ser durante o dia não era nada mais do que cumprir a obrigação do que seu destino ancestral delimitou. Mas ali, as histórias convergentes fizeram crescer nele um ser sem forma chamado poesia. Que durante o dia era contido por regras, mas que a noite invadia e o transformava em outros seres.

O chão que o gerou era historicamente pisado e perfurado por minas e pisoteado por meninas brancas e principalmente pretas. Mariana, Minas Gerais no final entre os séculos 19 e 20. Em 1870 quando de Alphonsus nasceu, o município ainda recebia um grande fluxo de pessoas com o tráfico de escravos. Lugar acolhedor de intensas narrativas, que costuma desconhecer e até esconder-se da dor dos que a construíram com suor. Ser estudante de direito não o fazia promotor dessas regras, mas um alguém que possivelmente teria poder acentuado sobre sua aplicação.

Tornava-se homem empoderado, mas era um sonhador nato, sonhava avidamente, a ponto de ter conhecido vidas e mais vidas idílicas. Escondia seus sonhos pela mesma razão que o restante da cidade ocultava suas dores. Costumava contá-los quando menino a uma amiga, “ontem sonhei que já era homem, mas foi estranho. A satisfação de ser o que eu tinha me tornado não bastava. Me sentia só, caminhava, estava escuro a lua estava minguante ou nova, quase não aparecia mais no céu. Então, ouvi então uma voz enquanto andava na rua. Seu tom me deixou com um nó na garganta, eu precisava dizer pra ela que não havia lua no céu, até que me vi impelido a escrever-lhe. Então acordei, mas hoje voltei a sonhar com ela. Eu caminhava na Rua Santana, a mesma rua do outro sonho, mas ela estava mudada. Foi quando ouvi a mesma voz gritando pelo meu nome, olhei e vi dentre uma espectral multidão de gritos insatisfeitos, uma torre subindo e em cima dela uma mulher”. E de tanto contar-lhe

seus sonhos, não mais pôde abandoná-los. Mas a necessidade de ser homem diante da sociedade apenas permitia ao poeta manifestar-se durante a noite.

De dia estudava e era direito. E por um tempo sem que esperasse, as noites foram lhe ocultando os sonhos. A realidade era composta apenas por entender que, por hora ele já estava cansado, mas satisfeito levando os dias para importar-se com o significado de possíveis devaneios. Mas as fantasias não morrem assim, têm uma causa em que se assentam. Diziam a necessidade inexpressável do poeta, como ocorre com qualquer pessoa.

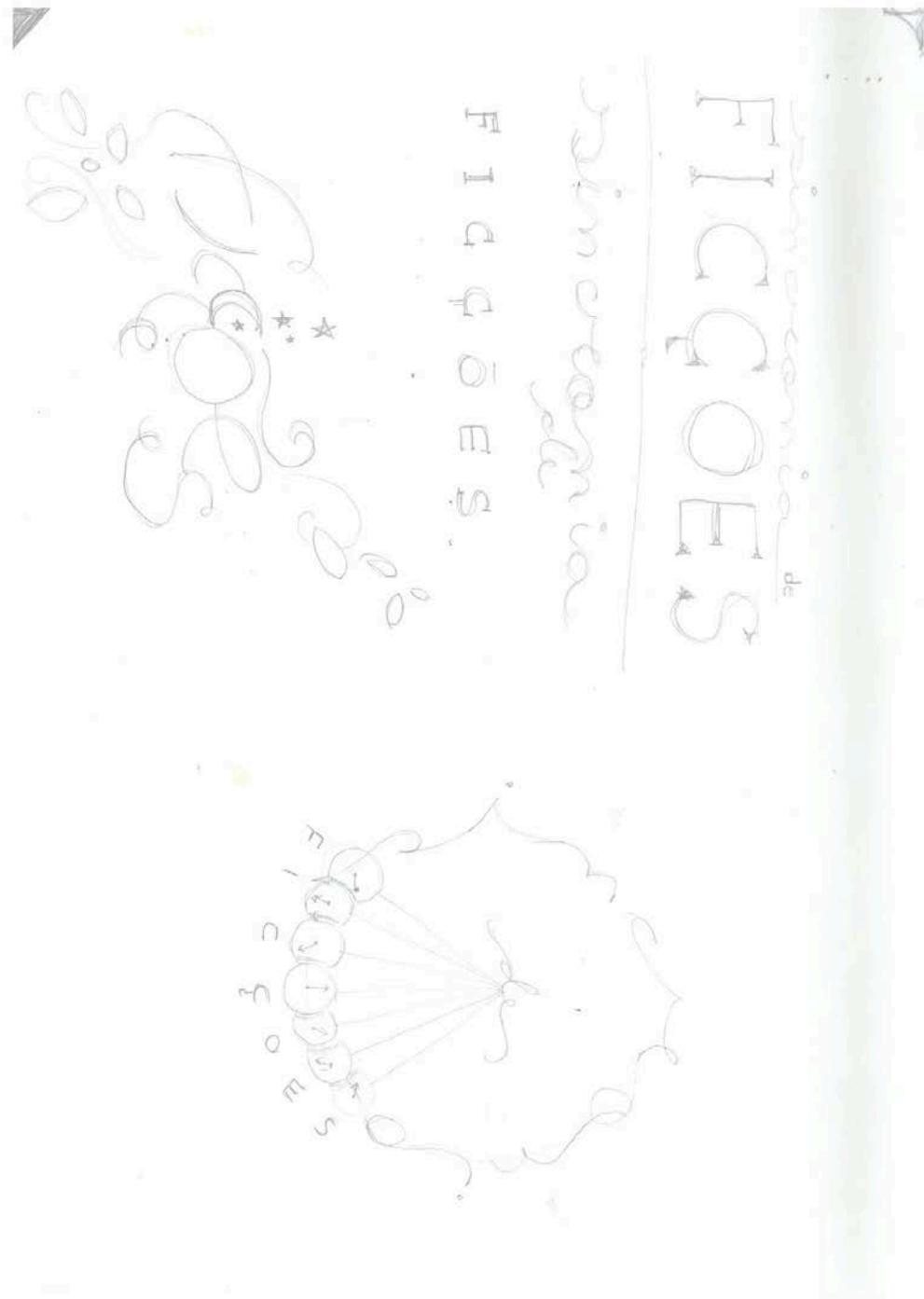
Ele cresce, e como previsível para um estudante de direito, torna-se juiz. Mas não consegue se esconder da poesia, ela que encontrou sua voz em vida enquanto ele contava seus sonhos e alcançava sensações que se não lhes tivesse contado talvez nunca sentisse. Mas de dia, em si, as sensações obscurecidas que viriam à poesia noturna, habitavam quase sempre dentro do armário.

**Continuação:** O dia em que Alfonsus perdeu o abrigo vivo de seus sonhos e sua identidade duplica-se permanentemente, tornando-o imã para sonhos alheios. E a causa que julgando como juiz o fez reconectar-se com esta perda.

*Prévia:* O Juiz descobriu que existiam acidentes. Criava um mergulho de fuga, duélogo, pois pouco tempo antes, havia em si uma batalha entre a objetividade que sua profissão exigia e a paixão que seus mergulhos instigavam. O poeta queria expressar a dor da alma antes de julgar, sabia que vida e acidentes são construídos por atos anteriores, outras palavras. E o juiz se percebia perdendo o dom de avaliar que causas justificavam o enlouquecimento e a perda do próprio controle.

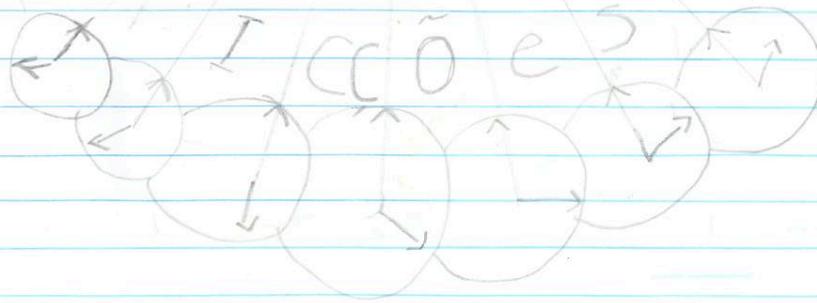
## Logos Sincronia de Ficções

As logos do projeto estão em processo de experimentação para, então, serem confeccionadas.



SINCRONIA

De



FICÇÕES